



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA EM “*O TRONCO*” DE BERNARDO ÉLIS E “*SERRA DOS PILÕES- JAGUNÇOS E TROPEIROS*” DE MOURA LIMA^{*}

Daiany Ribeiro Teixeira^{**}

1

A literatura é um relato das formas de sentir, de ver e de sonhar a sociedade, pois é um elemento polifônico por excelência. Representa também um panorama da vida social e cultural que a caracteriza. A construção da obra literária trata da “história” político-social de um indivíduo ou de um grupo, em um dado espaço e tempo. Sendo assim, o romance, como um dos gêneros de expressão da literatura, representa a forma de pensar a história, de estabelecer a memória do tempo e a reconstituição do espaço, tornando a sociedade e as práticas sociais objeto de reflexão.

Segundo Moisés (1999), o romance, como se configura hoje, surge no século XVIII com o Romantismo, na revolução cultural da Escócia e da Prússia. Com os desgastes das estruturas sócio-culturais da Renascença – o absolutismo na política, na religião, nas artes, franqueados nos dogmas clássicos – o romance dá lugar a uma aura

* As reflexões presentes neste artigo representam os esforços iniciais da pesquisa “Pelos sertões do Jalapão: a representação de espaço, região e lugar nas obras *O Tronco*, de Bernardo Elis e *Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros*, de Moura Lima” sob orientação da Prof.^a Dr. Marina Haizenreder Ertzogue, em desenvolvimento no programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins.

** Graduada em Letras, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins. daianyribeiro@uft.edu.br

de liberalismo, com o novo espírito implantado pelo sentimentalismo individualista. A epopéia, considerada a mais suprema expressão da arte segundo a tradição aristotélica, resigna seu espaço a uma forma burguesa, o romance. Busca-se o mesmo papel desempenhado pela epopéia: representar uma imagem fiel da sociedade, com uma literatura feita pelo povo, para o povo e com o povo. Assim, com a revolução industrial inglesa, na segunda metade do século XVIII, o romance se torna porta voz da sociedade, servindo como instrumento para registrar e evidenciar desde ambições, desejos a ópio sedativo do cotidiano. A mesma burguesia que remunera o escritor, que acredita que sua função é deleitá-la, oferece, sem perceber, sua existência artificial e vazia como cenário para o espetáculo (MOISÉS, 1999).

Assim, o romance vai se caracterizando e se estruturando em duas bases, a primeira traz um romance romântico, otimista, em que os protagonistas sofrem as desventuras humanas para ficarem ou permanecerem juntos. Com isso, constrói e representa a imagem dos desejos e sonhos burgueses com seus ideais de felicidade. A segunda nos traz um romance sutil e implícito de crítica à sociedade, ou uma crítica declarada e mais incisiva. Dessa forma, o romance busca ao longo de seu percurso histórico, construir uma maior aproximação do homem com a sociedade que o representa, seja através de suas angústias, de seus sonhos, de seus anseios, de suas críticas ou de suas metáforas para significar esses desejos e transfigurar essa realidade.

A partir da segunda metade do século XIX o regionalismo se consolida na literatura brasileira e o sertão tem papel expressivo nesta fase, permeando desde a literatura popular com o cordel a literatura oral, passando pela prosa romântica e pela literatura realista. Na fase regionalista, o sertão é ampliado, não sendo mais tão somente um conceito de espaço geográfico. Passa, então, a significar o próprio mundo e o ser humano que o habita, com forte conotação social. Os personagens das narrativas também são redimensionados, simbolizando a partir de então o ser humano com seus problemas locais. É o espaço regional-universal, o mundo criado pelo homem e a partir do homem, pois esse homem vive o sertão como se o sertão fosse ele mesmo, ou seja, metáfora da condição humana (AMADO, 1995). Considerando tais características, o presente artigo busca demonstrar as possibilidades de estudo das representações literárias da relação entre o sertanejo tocantinense e o meio ambiente, tomando o

romance como fonte de interpretação de suas vivências. Para tanto, serão empregados fragmentos das narrativas dos romances regionais *O Tronco*, de Bernardo Élis, e *Serra dos pilões – jagunços e tropeiros*, de Moura Lima. Tais obras contêm, ao longo do texto, representações da experiência do sertanejo com a paisagem, conforme as atribuições realizadas pelos autores, por meio das construções literárias.

Romances regionais que narram a organização política e a estrutura social das elites tradicionais do país reconfiguram suas antigas estruturas partidárias através de suas oligarquias regionais e locais, fazendo um retrato social de cada região, como forma de denúncia das desigualdades e corrupção, de favorecimentos e busca por poder (BOSI, 2006). Caracteriza, dessa forma, a obra literária como fonte de pesquisa para as ciências humanas, evidenciando seu caráter interdisciplinar, por meio da intertextualidade entre a Literatura, a História e a Geografia.

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (2002), a literatura é tanto resposta quanto meio de representação e formação da sociedade. Visto que o romance é um objeto que representa sua sociedade, os cenários para sua composição são as paisagens que dela fazem parte, e que são construídas à medida que são significadas pelos sujeitos.

A partir dos fragmentos das obras a serem analisadas, são evidenciadas as relações do sertanejo com seu espaço vivido e seus elementos naturais. Desse modo, serão utilizados os conceitos geográfico-humanistas de espaço e lugar, de Tuan (1983). Conforme este autor, na perspectiva da experiência humana, o espaço está relacionado às idéias de amplidão, de desconhecido e de liberdade. Já o lugar traz a idéia de familiaridade, identidade e pertencimento. Logo, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83).

O Jalapão – cenário das narrativas – com suas peculiaridades naturais, como o clima, o solo, a vegetação, a água e os animais, e com suas peculiaridades sociais, como a miséria, o abandono e a política, é o universo das vivências e das experiências que os personagens encontram, transformando-o em espaço ou lugar, o que irá implicar em suas significações.

Diante desses fatores, nosso empenho será compreender a representação da relação do sertanejo com o meio ambiente e a natureza nos quais está inserido e dos quais faz parte. Portanto, a literatura faz uma leitura espaço-temporal de uma

determinada obra através do simbólico presente na narrativa e serão através desses elementos que conceituaremos o universo do homem sertanejo transfigurado como seu espaço e seu lugar, ou seja, a construção do sujeito-homem no mundo, suas relações simbólicas com as coisas e com os outros.

CONTEXTO HISTÓRICO DAS NARRATIVAS

Entender o contexto histórico, político e social do país na época das narrativas analisadas é condição para que se possa compreendê-las como representações dessa realidade. No final do século XIX e início do XX, o Brasil passava por um momento de transformação histórica e social em decorrência da proclamação da República. Entre as transformações destacamos a questão fundiária: os governos estaduais adquirem poder de decisão sobre a distribuição das terras. Em consequência desse fator, gerou-se o fortalecimento das influências das oligarquias locais, causando disputas entre os Estados e os coronéis.

Os sertões do Brasil, que antes eram ocupados pelo avanço espontâneo do uso da terra pela agricultura e pecuária, agora são separados e divididos por cercas, com domínio dos coronéis e políticos de cada região. Gerou-se assim, confrontos entre tropas comandadas por coronéis contra o governo dos estados e entre si (MOREIRA, 2004).

Ainda segundo Moreira (2004), assim como em todo o país, as velhas oligarquias locais no interior de alguns estados como Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Goiás e Ceará, dentre outros, libertam seus escravos, numa falsa promessa de igualdade, mas passam a criá-los como seus peões, parceiros, jagunços, pistoleiros e capangas, reinventando suas formas de domínio. Tal característica está presente na literatura deste período, a exemplo das obras abordadas por este trabalho.

Conforme explica Magalhães (2008), no final do século XIX e início do século XX surgem os primeiros escritos literários sobre a região do Tocantins (antigo norte goiano), podendo citar alguns outros exemplos como: *Abílio wolney, suas glórias, suas dores: a saga de jagunços e coronéis do sertão*, de Voltaire Wolney Aires; *Porto Submerso: o des-encantar do Rio*, de Pedro Tierra; *Rasas Raízes*, de Isabel Dias Neves;

Retalhos, de Osmar Casagrande, dentre outros. Apesar do romance “*O Tronco*” ter sido escrito antes da divisão do estado, o mesmo trata de um acontecimento histórico ocorrido na Vila de São José do Duro, hoje cidade de Dianópolis, no Estado do Tocantins. Ambas as narrativas aqui apresentadas tratam de acontecimentos históricos ocorridos antes da criação do estado. O que difere as duas obras é que a obra de Moura Lima foi publicada depois da criação do Tocantins, ao contrário da obra de Bernardo Élis.

O norte de Goiás ¹ esteve por muito tempo em situação desfavorável sob o ponto de vista do desenvolvimento, inclusive por questões políticas e de localização (CAVALCANTE, 2003). Ainda que essas características possam ter sido realçadas e exploradas como elemento chave no discurso para a criação do Tocantins, foram bastante enfatizadas pelos escritores da literatura regional, evocando abandono e esquecimento por parte dos governantes (MAGALHÃES, 2008). Tal peculiaridade está presente nas obras que são foco de interesse neste trabalho, permeando as narrativas. Contudo, Oliveira (2004) chama atenção para os cuidados relativos à idéia de uma “identidade tocaninense” forjada como discurso eminentemente político, uma vez que do ponto de vista da cultura deve ser considerada a presença de diferentes povos na região, anteriormente à criação do Estado. Simbolicamente, os traços desses povos estão presentes há tempos no modo de vida, na memória e no cotidiano (OLIVEIRA, 2004).

O contexto histórico e social em que as narrativas se constroem evoca um cenário tipicamente rural, pontilhado por pequenas vilas, num espaço marcado pelo domínio de coronéis e pelo jogo político entre oligarquias. Considerando o cotidiano vivido nesse cenário, são evidenciadas as intrincadas relações entre homem e natureza, que constituem o principal interesses deste trabalho.

¹ A partir da Constituição de 1988, da divisão de Goiás foi criado o Estado do Tocantins.

**REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA:
FRAGMENTOS ESCOLHIDOS**

Em *O Tronco*, de Bernardo Elis², a narrativa trata do confronto ocorrido entre a poderosa família dos Wolney e o governo do Estado (que era formado por seus inimigos partidários) pelo poder da região e pelo poder de mando na Vila do Duro, hoje Dianópolis, que culminou na morte de nove membros da família dos Wolney, pelos soldados do governo do Estado. No transcorrer da obra, o narrador evidencia os problemas sociais e políticos da vila, suas mazelas, a falta de atenção por parte dos governantes, como o abandono da região. Mas sempre sem deixar de enaltecer e descrever as belezas do Jalapão, a relação de respeito, medo e amor do sertanejo com o meio que o cerca. Sua cultura, profundamente arraigada à natureza, manifesta-se por meio dos seus hábitos, crenças, mitos e rituais, pois é a partir dessas manifestações que este povo se constitui como sujeito.

No fragmento a seguir, há uma descrição da natureza feita pelo personagem Baianinho, um soldado, antes peão de fazenda, que possuía uma dívida com seu patrão, ou seja, era um escravo por dívida. Baianinho devia uma quantia imensurável ao patrão por causa das contas adquiridas no armazém da fazenda em que trabalhava. Assim, o chefe o coloca para trabalhar na polícia, como forma de pagamento de sua dívida, recebendo, em seu lugar, seu salário como soldado.

Dessa forma, o personagem se junta à tropa que vai combater os jagunços na Vila do Duro, com a esperança de poder subir de patente e fazer fortuna para pagar sua dívida e ser um homem livre. Porém, é na natureza que ele enxerga sua liberdade, sendo ela sua provedora, sua mãe acalentadora que lhe dará refúgio nos momentos de tormento e de força nos momentos de necessidade. Assim, o personagem sonha com um mundo que a sociedade jamais poderá lhe oferecer, já que apenas a natureza é capaz de prover. Observemos:

No ingá em que dormia, Baianinho sentia o cheiro acre da flor de caju,
via no encosto o pequizeiro derrubando a flor sebosa, e seu coração

² Bernardo Elis (15/11/1915 - 30/11/1977), natural da cidade de Corumbá de Goiás – GO. Foi Advogado, contista, romancista, lecionou literatura na Universidade Católica de Goiás dentre outras. Sua obra *O Tronco*, publicado em 1956, foi adaptada para o cinema em 1999, pelo diretor João Batista de Oliveira.

renascia de esperanças. Se não estivesse na tropa, ia botar uma espera naquele pequizeiro dacolá; viu rastro de veado por baixo dele. No outro pouso, na beirada do córgo, vira muito esterco de capivara. Também peixe. Foi um tropeiro, contou-lhe que adiante o rio estava secando e peixe lá era um disparate, chegava a fazer carniça de juntar urubu. Bem capaz que aquelas rodas de urubu que tanto via no céu não era carniça de gado não, era carniça de peixe, veja só!

No lusco-fusco Baianinho calculava. Era só passar o barulho, iria buscar a obrigação, voltava para o sertão, para caçar e pescar. Naquela comissão, Deus adjutorando, brevemente pagaria todas as contas e aí seria um homem livre, dono de sua vontade, dono do sertão inteiro, das veredas de buritis, dos rios que escondiam no fundo os peixes misteriosos e engraçados que a gente carecia de pegar com muita astúcia. Seria dono dos gerais, onde o veado retorçe as orelhas e o focinho molhado campeando no vento sinal de gente. Seria senhor dos lugares por onde a paca traça seu caminho incerto, num passo elástico de veludo e seda (ÉLIS, 1988, p. 90).

Como é observado neste fragmento, o sertão do Jalapão, pode ser compreendido como o espaço para o sertanejo, o seu universo interpretativo. Já o lugar pode ser compreendido como uma pausa dentro desse movimento, pausa que permite que um local se torne ponto de experiências duradouras e intensas de reconhecido valor, de construções experienciais, pois é essa a relação que o personagem Baianinho tem com o lugar no qual está inserido, relação permeada pelos sentimentos de respeito, proteção, fascínio e segurança.

O fragmento evidencia a relação do sertanejo com seu lugar, às vezes “duro”, mas de uma beleza sem precedentes, com uma natureza que ao mesmo tempo é acolhedora e encantadora, em suas variações e diversidades. Surgem, a partir dessa relação, lugares dotados de identidades e significados, evocando diferentes tipos de sentimentos.

Assim, o personagem Baianinho fala da importância dos sentimentos em relação ao espaço em que está inserido, e que é compreendido por ele como a chave de sua origem e fim, e onde reside o mistério de tudo. Segundo o personagem: [...] *brevemente pagaria todas as contas e aí seria um homem livre, dono de sua vontade, dono do sertão inteiro, das veredas de buritis, dos rios* [...] (ÉLIS, 1988, p. 90). A partir desse momento esse espaço se transforma em lugar, pois: *seria senhor dos lugares... Seria dono dos gerais* (ÉLIS, 1988, p. 90), e essa natureza fascinante e enigmática é a partir de então re-significada na leitura dos sinais da paisagem através dos pássaros, do

vento, da chuva. Esse espaço que representa amplidão, o novo, o mistério, passa a ser visto como familiar, seguro, provedor. Desse modo, o sertanejo se movimenta no espaço do sertão e faz suas pausas em lugares que o atrai e protege, lugares esses que geram sentimentos íntimos e habituais de identificação e proteção (LIMA, 1999).

Já em *Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros*, de Moura Lima³, a narrativa registra a tragédia ocorrida na Vila de Pedro Afonso no ano de 1914, quando a vila foi tomada pelo jagunço Abílio Araújo e seu bando (oriundos da Bahia), que levaram todos os bens da população, destruindo o local e matando pessoas. Com esse acontecimento, alguns jagunços da região se juntam para perseguir a tropa dos responsáveis pela tragédia e se vingarem. Então, começa a perseguição pelas terras do Jalapão, onde esses personagens passam a viver. O sertão do Jalapão passa a ser, então, tudo o que eles possuem. Assim, a cada trajeto vão descrevendo a natureza e a paisagem, mostrando sua profunda relação com esses elementos. No fragmento que segue, o autor representa no texto o ritual que se configura como manifestação cultural desses sujeitos, relação entre o sagrado e o profano, que traz elementos do meio ambiente, da fé, dos mitos, lendas e crenças, todos originários da relação entre o homem e a natureza. Vejamos:

- Corta-Cabeça e Apaga-a-Vela, agora é a vez da execução do ritual fúnebre, para encomendar a alma do infeliz e evitar que a má sorte caia sobre o bando.

Sua figura grave veste-se de preto e traz no pescoço um patuá, que contém no seu bojo revestido as orações de proteção. Atravessa-lhe o peito uma cinta de couro, que sustenta do lado esquerdo uma enorme mucuta de couro ensebado, que abriga no seu interior símbolos cabalísticos, breviários de rezas, ervas medicinais e outros segredos não revelados à luz do dia. O grupo teme-o, é uma espécie de caborjeiro e conselheiro de todos. [...] Em seguida bate os beijos na reza, invoca as forças da natureza [...].

Os homens ficam assombrados, toda vez que se realiza aquela cerimônia do outro mundo. Geralmente ocorrem fenômenos estranhos, como ventania, galhos quebrando, gargalhadas tenebrosas saindo não se sabe de onde, se de cupinzeiros ou se de lugares distantes, das profundezas da terra. [...] Tragam-me o cadáver do irmão, para que possamos libertá-lo do mundo.

E os homens, petrificados e borrando de medo, colocam o defunto no centro do pentagrama. O mago oficiante daquela cerimônia, em gestos esotéricos, abre o embornal ensebado, de longos anos, e retira do seu conteúdo um cordão preto de São Francisco e o ata à cintura. Com

³ Jorge Lima de Moura (02/12/1950 –) natural de Itaberaí – GO. Advogado, escritor, poeta, ensaísta e pesquisador. Membro fundador da Academia de Letras do Estado do Tocantins. Sua obra *Serra dos pilões – jagunços e tropeiros*, foi publicada em 1995.

essa providência, fecha as portas do inferno e dos espíritos malignos. Com o simples toque daquela jóia mágica [...]. E aquele preto cumba, retaco, de origem africana, das bandas da Bahia, de gibão e alpercatas de couro, apressa os cânticos finais daquela ritualística fúnebre [...] os trabalhos de purificação e lustração estão terminados e os espíritos, agradecidos e apaziguados. O grupo não tem nada a temer dali para frente. O que se vê, depois daquela cerimônia, são árvores retorcidas, galhos de pau pelo chão, tropa esparramada pelas margens do ribeirão, cangalhas espatifadas, a trenheira às braçadas de distância (LIMA, 2001, p. 18, 20, 21, 22).

Como pode ser observado, se não for realizado o ritual fúnebre de encomendação do cadáver, para “fechar o corpo” do bando e apaziguar o espírito do defunto, este poderá importunar o grupo, causando má sorte a quem o matou e trazendo problemas espirituais futuros. Por isso, o feiticeiro precisa fazer o ritual de passagem do corpo. Como é a natureza que lhes provém tudo (a comida, a água, o descanso, o esconderijo) e dela o grupo dependa para sobreviver no sertão, ela poderá se voltar contra ele, vingando-se pelo cadáver deixado ao acaso, se o ritual não for executado. Assim, o ritual é realizado envolvendo aspectos da natureza, do sagrado e do profano. O cadáver é libertado deste mundo com o auxílio de dois símbolos, a natureza: *Geralmente ocorrem fenômenos estranhos, como ventania, galhos quebrando, gargalhadas tenebrosas saindo não se sabe de onde, se de cupinzeiros ou se de lugares distantes, das profundezas da terra,* e o sagrado, representado pelo cordão de São Francisco: [...] *o mago oficiante daquela cerimônia pega um cordão preto de São Francisco e o ata à cintura. Com essa providência, fecha as portas do inferno e dos espíritos malignos. Com o simples toque daquela jóia mágica [...]* (LIMA, 2001, p. 20).

Como o espaço é um símbolo de liberdade, de imensidão e amplitude, a natureza e os conflitos sociais ocorridos em seu domínio podem ser implacáveis àqueles que não conhecem suas regras, mas à medida que esses sujeitos passam a compreender e entender a dinâmica do meio, inclusive do ponto de vista simbólico, esse espaço não representa mais insegurança. Re-significado e humanizado, torna-se lugar, pois os personagens se reconhecem no mistério da natureza, na força que o sertão lhes impõe como forma de sobrevivência e na teimosia do homem sertanejo em fazer suas próprias leis, aliadas às leis que o meio físico lhes impõe. “Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade” (TUAN, 1983, p.61).

É sempre na cultura e através dela que o homem se faz, significando seu universo, é um sistema simbólico, no qual as pessoas agem, vivem, constroem e re-significam o seu meio. Através dela o homem interage com o mundo e no mundo, é por meio dos seus elementos que os seres e o mundo se recriam. Somos seres orais, nascemos na oralidade. Dessa forma, identificar as representações dessas evidências simbólicas é uma das possibilidades de estudo das obras literárias. Numa perspectiva humanística, o romance recoloca o homem como principal agente da produção e da reprodução da vida social e dos lugares que ele dota de sentidos e significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do homem no mundo e sua relação sensível com o meio são objeto de interesse de diferentes campos da ciência, da filosofia e da literatura. O que difere e separa essas abordagens é a linguagem e o método empregados, ou seja, como será conduzido o pensamento e usadas as palavras para significar e interpretar os sentidos advindos das experiências humanas. O modo de existência dos homens é objeto de preocupação, sob distintos pontos de vista, pois diferentes áreas buscam o mesmo fim, a interpretação-representação dessa realidade.

Assim, este trabalho procurou apresentar, ainda que de forma inicial, um panorama acerca das possibilidades de abordagem intertextual envolvendo aspectos da Literatura, da História e da Geografia, por meio de alguns exemplos extraídos de obras da literatura regional tocaninense. Entretanto, trata-se de uma abordagem que deverá ser aprofundada em uma análise mais detalhada das narrativas mencionadas, visto que este é um trabalho que ora se inicia. Vislumbra-se também a possibilidade de estudo de outras narrativas regionais, sempre obedecendo ao seu sentido de representação. Este caminho, notadamente interdisciplinar, está aberto para novas contribuições, reconhecendo as representações literárias como expressões da relação entre o homem e a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína. Ponto de vista – Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: 2006.
- CAVALCANTE, Maria do E. S. Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.
- ELIS, Bernardo. **O tronco**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.
- LIMA, Moura. **Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros**. 3. ed. Gurupi: Cometa, 2001.
- LIMA, Solange Terezinha de. Percepção ambiental e literatura: espaço e lugar no Grande Sertão: Veredas. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Lívia. (org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. (org.) **Leituras de textos de autores tocantinenses**. Goiânia: Kelps, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária prosa I**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- MOREIRA, Ruy. Ser- Tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). **Ciência Geográfica**, Bauru, v.X, n.3, Setembro-Dezembro, 2004.
- OLIVEIRA, Rosy. A “invenção” do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair (org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2 ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004, p. 13-48.
- PESAVENTO, Sandra Jataí. **O Imaginário da Cidade** - visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- TUAN, Yi-Fu, **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.